

(descrição de Crónica Açores vol 5, 2022, que hoje me veio à lembrança. Há personagens assim, em locais onde estamos pela primeira vez, em descoberta, e que nos marcam, e ficam gravadas na memória. Um, até têm direito a serem recordadas nestes livros e trazidas à colação, sem razão aparente, pela sua amabilidade, simpatia, sabedoria, como foi o caso do sr José Sebastião Freitas dono do snack bar Xavier no Salão na ilha do Faial, Açores)

Estivemos no Salão, terra simpática, considerada em 2020 com o ar mais respirável da Europa. Ali almoçamos dia 30 de agosto (2007).

A freguesia foi marcada pelo sismo de 9 julho 1998, magnitude 5,8 (Md), epicentro 17 km a NE da Horta, intensidade máxima VIII (Mercalli Modificada) que provocou oito mortos e estragos significativos na rede viária, no abastecimento de água, energia elétrica e telecomunicações, avultados danos no parque habitacional de S. Jorge e Pico e deslizamentos translacionais superficiais, nas arribas litorais (Faial, Pico e S. Jorge) e na vertente norte (Faial).

Os recuos da linha de costa, causados pela densidade de movimentos de vertente, foram superiores a 10 m, tendo-se formado depósitos na base do talude e verificou-se o rolamento de blocos lávicos. O movimento maior foi a escoada na vertente norte da Caldeira, o material canalizado para a Ribeira do Risco, onde se encontravam as nascentes da Câmara da Horta, soterradas ou destruídas. No interior da Caldeira registaram-se pequenos deslizamentos.



do Salão Snack-bar Xavier - fui rever o simpático Sr. José - já octogenário - dez anos depois, em dezembro 2017

O Salão encontrava-se próximo do epicentro, e a destruição foi notória. Passava das cinco horas de manhã, quando o sismo destruiu grande parte das casas e infraestruturas do Salão, à Ribeirinha onde o farol ficou destruído e a igreja. Esta podia ter sido a descrição que o Sr. José Freitas (Snack-bar Xavier) nos deu. Ele tinha 21 anos, estava na tropa, quando ocorreu a erupção dos Capelinhos, e assistiu durante treze meses ao horror de destruição. As populações não arredavam pé, nem queriam abandonar as casas que seriam destruídas. As descrições que ouvimos ao longo dos nove dias na ilha não ensombraram a beleza e o desejo crescente de me mudar para aqui. O sismo abalou Castelo Branco e Flamengos, e destruiu a igreja (até 2019 as missas foram no ginnodesportivo).

Antes de o saber, interrogara-me por que é que igrejas e faróis estavam destruídos. Seria possível que o povo não gostasse de marinheiros e de clérigos? Não, quem não gosta é a mãe natureza. O que o simpático septuagenário, Sr. José do Salão, nos disse foi que nessa longínqua manhã toda a gente se levantara ao primeiro tremor

e saía para a rua. Os que ficaram em casa morreram. O picaresco foi a igreja que caiu quase toda de uma vez, menos o altar da padroeira (N^o Sr.^a do Socorro), e quando a foram buscar, o altar desabou salvando-se a “santa.”



Pedro Miguel 2007



Pedro Miguel 2023

No cemitério, as ondas de choque provocadas pelo sismo agitaram as tumbas e os caixões vieram à tona, desenterraram os mortos e demorou a sepultá-los, de novo, incluindo o pai do nosso interlocutor que morrera meses antes. Esta igreja foi a única que ruiu completamente, finalmente reconstruída e inaugurada em julho 2019. As restantes aguentaram-se e não caíram totalmente (a de Pedro Miguel foi demolida, out^o 2020, e foi reconstruída de raiz em 2023).